



RESUMO EXPANDIDO (ENFERMAGEM)

O PAPEL DO ENFERMEIRO FRENTE À SENSIBILIZAÇÃO DA DOAÇÃO DE MEDULA ÓSSEA

Gisele Ribeiro da Silva
Ezilda Maria Peressim Paes de Menezes

Acadêmicas do 10º período do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Rafael Alves Pereira

Enfermeiro, Prof. Esp. do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA (Orientador).

Submetido: 30 jan. 2020.

Publicado: 26 ago. 2020.

E-mail para correspondência:

enfermagem@faema.edu.br

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

O transplante de medula óssea (TMO), não é um método semelhante aos demais transplantes realizados devido o órgão transplantado não ser sólido e sendo considerado como tratamento celular ⁽¹⁾. Sendo assim, é um tratamento de muita eficácia na cura de enfermidades ligadas a medula, e alterações ligadas à mesma, podendo os doadores ser da mesma família, como também de uma pessoa desconhecida ⁽²⁾. As pessoas indicadas para serem doadores devem ter idade entre 18 e 55 anos de idade, estar em bom estado de saúde, sem doenças infecciosas ou incapacitantes, e de preferência fazerem parte do Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME) ⁽³⁾. No Brasil podemos observar que os tratamentos realizados por este tipo de procedimento ainda caminham devagar, e cabe ao profissional enfermeiro sensibilizar e captar doadores através de educação em saúde, programas de apoio e parcerias com universidade e seus discentes ⁽⁴⁾. O enfermeiro apresenta técnicas para a captação de doadores de medula óssea podendo ocorrer de várias formas como a sensibilização, fazendo com que o público entenda a importância da doação em salvar uma vida. Essa captação pode ser realizada através dos futuros profissionais da área da saúde de forma significativa. Portanto o objetivo deste estudo é descrever a importância do profissional de enfermagem nas ações de medidas de tratamento, sensibilizando quanto à doação de medula óssea.



Material e Métodos

Este estudo foi realizado através de revisão de literatura sobre a temática escolhida e foram utilizados artigos científicos, como também manuais específicos apresentados pelas palavras-chaves utilizadas, que abordassem de forma específica o tema a ser analisado como base de dados, a saber: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico, Periódicos, Teses, Artigos, Ministério da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde foram pesquisados 28 materiais e sendo utilizados 16 por abordagem de conteúdo coerentes e escritos por enfermeiros, sendo excluídos 13. Desta forma, selecionados e utilizados para embasamento teórico no desenvolvimento do trabalho.

Resultados e Discussão

O primeiro transplante de medula óssea foi realizado em 1939 entre irmãos, embora fossem feitos em testes em animais ⁽⁵⁾. O transplante vem sendo desenvolvido na medicina promovendo muitas curas e restaurando muitas vidas. “O Transplante de Medula Óssea (TMO) é indicado para o tratamento de doenças que comprometam o funcionamento da medula óssea como no caso das doenças hematológicas”.

Conseqüentemente, a enfermagem um grande aliado nas ações prestadas essencialmente a sociedade, transmitindo confiança aos pacientes ⁽⁶⁾. O enfermeiro possui prática sobre o conhecimento voltado a importância do transplante da medula óssea e sua eficácia na cura de diversas doenças de forma decisiva, auxiliando dessa forma a captação de doadores de medula óssea ⁽⁷⁾.

Portando, a enfermagem possui um papel de grande relevância em desenvolver atividades para conscientizar a comunidade que não possui conhecimento adequado em relação a doação, principalmente voltado ao transplante de medula óssea ⁽⁸⁾. Às vezes, por



falta de conhecimento o medo acaba impedindo que a pessoa se torne um doador, fazendo com que haja uma defasagem muito grande de doadores.

O simples fato de ser doador não traz nenhuma incapacidade ou doença ao doador, pelo contrário, ele poderá salvar uma vida com um simples ato. “Considerarem a dificuldade em confirmar a morte encefálica ou por desconhecerem a forma como se dá o processo de doação de órgãos, que para alguns, é obscuro”⁽⁹⁾.

Assim, a desinformação representa um dos motivos da negação familiar. Essa falta de informação é pertinente, tanto sobre a doação de órgãos e métodos de diagnóstico, como sobre o desconhecimento da vontade do paciente em morte encefálica ser um doador de órgãos⁽¹⁰⁾. Tanto os profissionais como os parentes precisam estar conscientizados da grande importância da doação de órgãos, não devendo haver conflito entre eles, pois devem atuar em conformidade e urbanidade, a informação é um importante passo no processo de conscientização para a captação de possíveis doadores de medula óssea⁽¹¹⁾.

Normalmente, os doadores serão os parentes pelo fato de terem mais chance de compatibilidade, embora a chance seja de 25%, devendo ser feita de forma voluntária, não oferecendo risco ao doador assim como ao receptor, ocorrendo uma avaliação e verificação nos processos de recuperação do doador não sendo prejudicado pela doação, e todo este processo deverá ser analisado pelos profissionais envolvidos⁽¹²⁾. O procedimento deve ser realizado por pessoa capacitada, com treinamento adequado, seja médico especialista, profissional de enfermagem ou outros necessários, a equipe deve estar engajada no objetivo de salvar vida através da doação⁽¹³⁾.

O enfermeiro é peça chave no acompanhamento do processo pós-operatório e devendo cuidar do paciente de forma cautelosa realizando todos os procedimentos importantes. O transplante deve ser levado muito a sério, pois é um procedimento que pode desencadear diversos tipos de reação. Assim como no pré-operatório quanto no pós-operatório deve-se ter muita cautela e atenção com relação à rejeição, pelo fato de não ser aceito o novo corpo e levar a algumas complicações⁽¹⁴⁾. Embora seja de grande eficácia para muitas doenças, para ser um doador, é necessário passar por certos critérios de avaliação



como na doação de sangue, pelo fato que o tecido deve ser saudável e compatível com o receptor, embora essa não seja a forma de se curar todas as doenças ⁽¹⁵⁾.

Sendo assim, os profissionais precisam estar capacitados para realizar uma abordagem respeitando seus princípios éticos, sensibilizando os demais como a doação poderá propor uma expectativa de vida melhor a quem necessita ⁽¹⁶⁾. Portanto, a busca de conhecimentos e especialidades em diversas áreas da saúde faz com que desenvolva um vínculo para a melhoria do transplante, fazendo grandes aliados no processo de sensibilização e captação para diversos tipos de doação ⁽¹⁷⁾.

Conclusões

Ao término deste estudo, observa-se que é fundamental que o enfermeiro busque sensibilizar a sociedade quanto à importância da doação do transplante de medula óssea e a eficácia deste procedimento em salvar vidas, realizando orientações através da educação continuada, podendo sanar dúvidas desde o momento de coleta sanguínea para análise, até a realização do método de tratamento, métodos estes que geram muitos mitos e falta de informações voltadas à sociedade e fazendo com que estes tenham medo para ajudar o próximo. Desta forma, é importante o enfermeiro atuar na busca do aumento da qualidade de vida da população por meio de pesquisas, campanhas e através da educação em saúde, podendo aproximar o público ao fator da doação e que possa haver uma maior conscientização por parte da sociedade em buscar medidas voltadas a sensibilização a doação de medula óssea com o intuito de ajudar pessoas que necessitam de uma medula óssea saudável.

Palavras-chave: Medula óssea. Sensibilização. Assistência de Enfermagem.



Referências

1. Corgozinho MC, Gomes JRRA, Garrafa V. Transplantes de Medula Óssea no Brasil: Dimensão Bioética. Revista Latinoamericana de Bioética. 2012;12(22):35-45.
2. Silva AF. Importância estratégica da informação e comunicação em saúde à doação de sangue e medula óssea [trabalho de conclusão de curso]. Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba; 2012.
3. Brasil. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (REDOME). Brasília: INCA; 2016.
4. Padilha MICS. O ensino de história da enfermagem nos cursos de graduação de Santa Catarina. Trabalho, Educação e Saúde. 2006;4(2):325-336.
5. Castro Júnior CG, Gregianin LJ, Brunetto AL. Transplante de medula óssea e transplante de sangue de cordão umbilical em pediatria. J. Pediatr. (Rio J.), 2001;77(5):345-360.
6. Rizzotto MLF. A origem da enfermagem profissional no Brasil: determinantes históricos e conjunturais. Navegando na história da educação brasileira-HISTEDBR. Campinas: Graf FE: Histedbr. 2006;1:1-19.
7. Lira GG, Brito AC, Silva EFS, Torres FO, Santos MS et al. Responsabilidade social: Educação como instrumento promotor da doação de órgãos. Rev. Ciênc. Ext. 2018;14(2):114-122.
8. Lima K, Bernardino E. O cuidado de enfermagem em unidade de transplante de células-tronco hematopoéticas. Texto Contexto Enferm, Florianópolis. 2014;23(4):845-53.
9. Bispo CR, Lima JC, Oliveira MLC. Doação de órgãos: uma perspectiva de graduandos de enfermagem. Revista Bioética. 2016;24(2):386-394.
10. Tolfo F. Comissão intrahospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplante: papel do enfermeiro [dissertação]. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria; 2015.
11. Silva AF. Importância estratégica da informação e comunicação em saúde à doação de sangue e medula óssea [trabalho de conclusão de curso]. Paraíba: Universidade Estadual da Paraíba; 2012.



12. Moraes EL, Santos MJ, Merighi MAB, Massarollo MCKB. Vivência de enfermeiros no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2014;22(2):226-33.
13. Nogueira MA, Gomes LTS, Cruz LRC, Trajano VT, Lins MA, et al. Conhecimentos de acadêmicos de enfermagem sobre doação de medula óssea. Rev Enferm Atenção Saúde. 2017;6(2):49-64.
14. Costa VASF, Silva SCF, Lima VCP. O pré-operatório e a ansiedade do paciente: a aliança entre o enfermeiro e o psicólogo. Rev. SBPH. 2010;13(2):282-298.
15. Corgozinho MC, Gomes JRRA, Garrafa V. Transplantes de Medula Óssea no Brasil: Dimensão Bioética. Revista Latinoamericana de Bioética. 2012;12(22):35-45.
16. Nogueira MA, Flexa JKM, Montelo IR, Lima LS, Maciel DO, et al. Doação de órgãos e tecidos para transplante: contribuições teóricas. Revista Recien. 2017;7(20):58-69.
17. Siqueira MM et al. Indicadores de eficiência no processo de doação e transplante de órgãos: revisão sistemática da literatura. Revista Panamericana de Salud Pública, 2016;40:90-97.